

O ressurgimento do Grande Urso

Giancarlo Niedermeier Belmonte¹

Introdução

Para se entender o presente da Rússia e poder inferir sobre os atuais fatos ocorridos, faz-se necessário o mergulho na história desse país. A Federação Russa é um país localizado no norte-nordeste da Eurásia, sendo o país mais extenso do mundo. A história russa inicia-se com os eslavos do leste, que surgiram como um grupo étnico reconhecido na Europa entre os séculos III e VIII, passando pelas invasões mongóis, czarado e império, revolução bolchevista, União Soviética, queda do regime comunista, crises pós-desintegração até os dias atuais, diante da nova ordem mundial, que se desenhou a partir do início dos anos 2000.

Será exposta, a seguir, uma análise dos principais fatos que contribuíram para a formação política, econômica, social e militar da atual Federação Russa e seu papel no cenário mundial atual.

Da origem da Rússia ao fim da União Soviética

Segundo Angelo Segrillo¹ (2015), em sua obra *Os Russos*, o embrião da atual Rússia foi fundado e dirigido por uma classe nobre de guerreiros *vikings* e por seus descendentes

— o primeiro estado eslavo, o Principado de Kiev, que surgiu no século IX e adotou o cristianismo ortodoxo do Império Bizantino em 988. A indicação dessa origem está calçada na chamada *Crônica primária russa*, que narra a epopeia dos fundadores da Rússia. A partir daí, houve o início da síntese das culturas bizantina e eslava, o que acabou por definir a cultura russa. O principado finalmente se desintegrou, e suas terras foram divididas em vários pequenos estados feudais.

No século XIII, os mongóis invadiram uma Rússia Kievana já fragmentada, impondo um domínio indireto sobre o povo russo, mantendo seus costumes e religião, que duraria até a Batalha do Rio Ugra, ocorrida no século XIV, decorrente do enfraquecimento dos Khanatos da Horda Dourada. O estado sucessor de Kiev foi a Moscóvia, que serviu como a principal força no processo de reunificação da Rússia e na luta de independência contra a Horda de Ouro mongol.

Surgiu, então, o núcleo do que viria a ser o Império Russo. Muito do ordenamento político, militar e social, segundo alguns historiadores, advém do período de domínio mongol, principalmente, a centralização do poder. Tal característica auxiliou na expansão do Principado da Moscóvia, reunindo as terras dos antigos Khanatos mongóis, em

¹ Maj Com (AMAN/98), mestre em Operações Militares (EsAO/06), especialista em Guerra Eletrônica (CIGE/11), em Bases Geo-Históricas para formulação Estratégica (ECEME/11) e em Ciências Militares com ênfase em Defesa Nacional (ECEME/15).

um processo que permeou os séculos XIV, XV e XVI, culminando com a fundação do Czarado da Rússia, no século XVI, por Ivan IV, o Terrível. Muito foi herdado do Império Bizantino, por causa de casamentos entre a nobreza russa e a bizantina. Como exemplo, destaca-se a Águia de Duas Cabeças, símbolo bizantino até hoje utilizado como símbolo das Armas Russas.

Com a sucessão de Ivan IV por seu filho incapaz, surgiu a oportunidade de a família Romanov, com Fédor Romanov, assumir o título de Patriarca de Moscou. Foi, então, exarado o Código de 1649, tornando o Czarado dono das terras e submetendo os camponeses a altos impostos e organização em comunas, sem o direito de ir e vir. Surgiram as primeiras revoltas lideradas por Cossacos e a expansão territorial com a anexação da Ucrânia e Sibéria.

Em 1721, Pedro I, o Grande, proclamou o Império Russo com a feição das principais monarquias europeias, de forma absolutista, e que permaneceu sob o domínio da família Romanov. O período Imperial caracterizou-se pela grande expansão territorial, modernização política, econômica e social e pela ocidentalização da sociedade russa. Apesar dos avanços, esse período caracterizou-se por uma política déspota, causando grande insatisfação popular em diversos períodos da dinastia Romanov.

Dentre os diversos episódios que marcaram o período imperial, destacaram-se a tentativa de invasão napoleônica à Rússia, a fundação de cidades como São Petersburgo, grande entreposto comercial entre o oriente e o ocidente, expansão em busca de saída para o mar, seja pelo Mediterrâneo, seja pelo

Índico, já indicando a vocação expansionista pautada pela geografia Russa, como sendo, segundo Halford J. Mackinder, o território russo parte do “*Heartland*”² do planeta, e demarcando o espírito eurasiático do povo russo. Isso ficou muito claro no período da Primeira Guerra Mundial, no qual o Império Russo ficou dividido entre as ações bélicas do lado ocidental, em favor da Tríplice Entente, e as ações de contenção contra a invasão japonesa e seus reflexos, anos antes, no extremo leste.

Durante o reinado do czar Nicolau II, o descontentamento popular e o enfraquecimento político, econômico e militar, decorridos de inúmeras ações simultâneas e derrotas, principalmente, contra os japoneses, fizeram surgir grupos político-ideológicos baseados nas teorias de Marx e Engel que, após uma conspiração orquestrada para insuflar as massas e causar uma luta armada do proletariado, conseguiram derrubar o czar Nicolau II, no que ficou conhecido como a Revolução Bolchevista de 1917, dando fim ao Império Russo.

Com o advento do novo modelo político, implantou-se o comunismo na Rússia e, em 1921, surgiu a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), impondo uma economia planificada, com a divisão de trabalho em soviets³ e comunas⁴, com o produto do trabalho enviado ao poder central, que, teoricamente, cuidava do repasse ao povo, o que muitas vezes não acontecia, gerando crise e fome generalizada por várias partes do território soviético.

A URSS permaneceu com o espírito expansionista do Império Russo, todavia, com outro viés, aglomerando novas repú-

blicas oriundas dos antigos “khanatos” e que faziam parte da zona de influência eurasiática soviética. Com a subida de Joseph Stálin ao poder, a ideia de se expandir o comunismo rapidamente para o mundo perdeu velocidade. Stálin aumentou o poder de domínio sobre a população, fortalecendo a URSS em seus territórios. A consequência desse fechamento foi a execução de medidas de contenção do governo soviético sobre suas áreas de interesse, fazendo surgir a “Cortina de Ferro”⁵.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo dividiu-se em dois polos — de um lado, os Estados Unidos da América (EUA); de outro, a URSS —, dando início à Guerra Fria. Nesse período pós-guerra, demarcou-se o grande desenvolvimento tecnológico soviético, o aumento das medidas de contenção da sua parte do *Heartland*, com o surgimento do Muro de Berlim, da “Cortina de Ferro” e do Pacto de Varsóvia, ao mesmo tempo em que o comunismo espalhou-se por outras partes do mundo, financiado inicialmente pela URSS, criando territórios amplificadores do modelo político-econômico soviético. Como exemplos, destacaram-se as revoltas populares na China, a Guerra da Coreia, a Guerra do Vietnã, a Revolução Cubana, as intervenções no Afeganistão e o fim do colonialismo europeu na África, com influência soviética nos principais movimentos populares africanos, além da Revolução Cubana, tornando Cuba o principal entreposto comunista do ocidente.

Notou-se um avanço tecnológico surpreendente na área militar, com o surgimento da “Corrida Espacial” entre Estados Unidos e URSS, dos foguetes e mísseis balísticos intercontinentais convencionais e nucleares,

satélites de uso comercial e militar, material bélico variado, como aviões de caça supersônicos, armamento portátil e coletivo. Tal avanço foi muito facilitado pelas constantes possibilidades de utilização do poder bélico soviético nas diversas áreas de conflito.

Com o fim do período stalinista, o sistema soviético sofreu várias transformações, sendo o fim da centralização do poder político a mais importante e evidente. Sucederam-se vários governos, que burocratizaram a política e a economia, além de fechar a URSS para os países não comunistas. Essa blindagem causou um atraso tecnológico e econômico da União, associado aos gastos exorbitantes da corrida armamentista, resultando na fragilização da economia soviética ao final da década de 1970, sucateando os principais projetos estratégicos da época.

No início dos anos 80, o próprio povo soviético percebeu que o sistema já estava ruindo. Mikhail Gorbachev, presidente da URSS, implantou várias medidas no sentido de abrir a União Soviética para o mundo, dentre elas destacaram-se a Perestroika⁶ (reestruturação) e a Glasnost⁷ (transparência), que tinham como finalidade abrir a economia e diminuir a intervenção estatal.

Tais medidas produziram uma cisão na sociedade soviética, opondo um grupo de conservadores e um grupo de liberais. O enfraquecimento soviético deu mostras com a queda do Muro de Berlim, em 1989, e com a saída de tropas soviéticas do Afeganistão. Em 1991, houve uma tentativa de golpe militar, fracassada por ação do grupo liberal capitaneado por Bóris Yeltsin. As repúblicas começaram a tornar-se autônomas, sendo Estônia, Letônia e Lituânia, as primeiras re-

públicas. No fim de 1991, Yeltsin reuniu-se com os presidentes da Bielorrússia e Ucrânia. No encontro, foi assinado o Pacto de Belaveja, que anunciava a dissolução da União Soviética e a formação da Comunidade dos Estados Independentes, a CEI. Em 1992, começou o governo do primeiro presidente da Federação Russa, após a era imperial russa.

A transição de modelo

A novel Federação Russa, sob o mandato de Bóris Yeltsin, passou por uma reestruturação profunda, incluindo a abertura de mercado, a política externa, privatizações, medidas macroeconômicas, a dissolução do Soviete Supremo, transferência da indústria bélica e do poder militar soviético das antigas repúblicas para a Rússia, entre outras reformas, acarretando uma hiperinflação, surgimento de uma oligarquia extremamente rica (oligarcas russos) em detrimento de um povo miserável, aumento da dívida externa, corrupção, quebra da moeda e da bolsa com várias moratórias, causando o denominado Colapso Econômico Russo.

Em seu governo, conseguiu impor uma nova constituição, entregando ao presidente amplos poderes para a escolha do primeiro-ministro, dissolução da Duma Federal⁸ — novo parlamento russo — e reformas por decretos. Ocorreram importantes conflitos, como a guerra da Chechênia e a de Kosovo, que o fizeram enfrentar duas tentativas de *impeachment*.

Entretanto, apesar dos desastres políticos e econômicos, Yeltsin conseguiu inserir a Rússia em outro modelo político-econômico, com os prós e contras dessa transforma-

ção, e preparar as bases para novas reformas futuras, renunciando ao mandato e colocando Vladimir Putin, seu primeiro-ministro, no controle da Federação Russa.

A nova direção

A partir de 2000, Vladimir Putin começou sua trajetória como líder da Federação Russa, caracterizado por uma série de reformas nos campos político, econômico, social e militar. Putin foi primeiro-ministro em 1999-2000, durante o governo de Yeltsin. De 2000 a 2004, cumpriu sua primeira etapa na presidência, sendo reeleito em 2004. De 2008 a 2012, continuou influenciando o presidente Dmitri Medvedev, sendo seu primeiro-ministro. Em 2012, após um período eleitoral controverso, foi eleito para um terceiro mandato de seis anos, após reforma constitucional que permitiu tal feito. Permanece no poder até 2018.

Como primeiras medidas executadas em seu primeiro mandato, Putin procurou sanear a economia, já que seu antecessor privatizou vários setores considerados estratégicos, que ficaram nas mãos de um seleto grupo de russos, conhecidos como “oligarcas russos”. Assim, procurou estatizar os setores de defesa, telecomunicações, gás e petróleo e, por último, a imprensa. Oligarcas como Boris Berezovski e Mikhail Khodorkovski travaram uma luta política e econômica com Putin, que procurou retomar o controle dessas empresas. Em uma disputa judicial, o governo conseguiu resgatar a empresa YUKOS, Petrolífera do Sul, importante fornecedora de gás e petróleo privada, pertencente a Mikhail Khodorovski, sob a acusação

de mais de 27 bilhões de dólares em dívidas de impostos atrasados, além da prisão e condenação do oligarca por fraude, roubo e sonegação fiscal. A empresa foi leiloada e adquirida por outra empresa privada, que, mais tarde, seria comprada pela Rosneft, estatal do petróleo russo. Ao final, Putin detinha o controle totalitário das principais empresas desses setores, podendo usufruir uma liberdade de ação econômica, para fins sociais e políticos, além de militares.

Economia

Com o suporte financeiro da indústria do gás e petróleo, Putin conseguiu no primeiro mandato, diminuir a desigualdade social, seguindo uma cartilha macroeconômica, atingindo uma média de 7,5% de aumento do PIB anual por vários anos consecutivos.

Nessa guerra contra a oligarquia russa, muitos se alinharam ao governo, com medo de futuras represálias, fortalecendo o apoio das elites a Putin. Ainda no campo econômico, o governo estabeleceu reservas significativas com a venda de gás e petróleo, principalmente para o Cáucaso, União Europeia e China. Lançou o programa de projeção das empresas estatais no cenário regional e mundial, principalmente com o cunho político de projeção da nação. A Gazprom, Rosneft e a Corporação de Aviação Unificada são exemplos de empresas do programa.

Em 2004, foi criado o Fundo de Estabilização, baseado nos ganhos da indústria petrolífera, meio pelo qual Putin conseguiu sanear as dívidas herdadas do período soviético e da transição do regime na Era Yeltsin, em 2005. A partir de 2008, o fundo foi

dividido em dois: um para custear possíveis crises econômicas externas que possam atingir a Rússia e outro Fundo de Bem-Estar Nacional, contribuindo para o lançamento de diversos planos de subsídio ao bem-estar da população, como diminuição de impostos, saúde, educação e incentivo a pequenos empreendedores. O *superavit* adquirido pelo governo serviu também para alavancar outros setores, como o de defesa. Contudo, não houve um controle ou programas para conter o consumo e, por consequência, a inflação.

Apesar disso, a Rússia possui uma carteira diversificada de acordos internacionais bilaterais ou em blocos, como os BRICS (Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul), procurando fortalecer seus vínculos e garantir apoio político e econômico.

Política

Putin impôs, desde o início, um caráter nacionalista e estadista no modo de conduzir os destinos da Federação Russa, sendo muitas vezes criticado por lembrar o regime soviético, o czarista do antigo Império Russo e, até mesmo, o nazismo. Entretanto, Putin vem seguindo uma política na busca dos valores nacionais do povo russo, austeridade e a prática, segundo alguns analistas, de um capitalismo de Estado, ao referirem-se às medidas tomadas na estatização de empresas como a YUKOS e no fortalecimento dos aglomerados estatais, utilizando o poder do Estado para conduzir o esforço nacional dos diversos setores para o atingimento de objetivos da nação.

Algumas medidas, como a reforma política de distribuição dos distritos, que

passou de 89 para 8, contribuíram para um melhor controle estatal. O poder de nomeação e exoneração dos governadores distritais pelo presidente tornou-o mais forte e capaz de enfrentar a oposição liberal. Dessa forma, Putin centralizou várias decisões políticas nas mãos da presidência. Essa forma de conduzir o poder é conhecida por Poder Vertical de Putin, sinalizando uma “unidade de comando”, partindo do presidente e caracterizando a liberdade de ação que usufrui, lembrando muito as características do czar Ivan, durante o Império, ou do ditador Stálin, no período da União Soviética.

O governo Russo procurou a cooperação externa de diversos países, participando de tratados de cooperação, como o de Xangai, com a China, bem como de blocos de países afins, como são os BRICS. O objetivo é procurar rotas alternativas de cooperação que não passem por países da OTAN ou diretamente alinhados com os EUA.

Social

Fruto das medidas implantadas e dos resultados obtidos no campo econômico, Putin possui uma popularidade em torno dos 80%. De acordo com a população, o presidente resgatou o orgulho russo, colocando a Federação Russa novamente na pauta internacional. Tal sentimento é mais evidente nos jovens russos, que voltaram a sonhar com um futuro melhor. Segundo dados do Ministério da Defesa russo, cresceu o voluntariado da população jovem para alistarem-se nas fileiras das Forças Armadas. Segundo Gilles Lapouge (2014), colunista e correspondente internacional do jornal O Estado de São Paulo, o patriotismo foi a chave para

esse aumento de popularidade. Os jovens identificam-se com a figura de Putin, pois lembram dos lamentos nostálgicos de seus pais lembrando dos tempos da URSS.

A melhora na capacidade de compra da população, além dos investimentos nas estruturas de base, como saúde e educação, trouxe o bem-estar para as casas russas, apesar de causarem um aumento descontrolado da inflação, agravados pelas constantes denúncias de corrupção que assolam o país.

Militar

No campo militar, a Rússia herdou grande parte do aparato militar da antiga União Soviética, principalmente na área de armamento estratégico, como os mísseis nucleares intercontinentais. Entretanto, com as privatizações e os colapsos financeiros dos anos 90, boa parte dos materiais bélicos entrou em obsolescência ou foi desviada clandestinamente pela máfia russa para, possivelmente, grupos terroristas. Além disso, as indústrias bélicas haviam sido privatizadas e descentralizadas pelas antigas repúblicas soviéticas, como é o caso das indústrias ucranianas de helicópteros e mísseis.

Em 2000, após assumir o poder, Putin iniciou o retorno do controle estatal sobre várias empresas, incluindo as de defesa. Em 2001, após os ataques terroristas de 11 de Setembro, o governo russo firmou um acordo de combate ao terror com os Estados Unidos e União Europeia, diminuindo as divergências geradas nos tempos da Guerra Fria.

Apesar dos avanços diplomáticos de cooperação no campo militar com o ocidente, a Rússia iniciou um programa de retomada de sua influência sobre as ex-repúblicas

soviéticas, principalmente, após a OTAN, capitaneada pelos EUA, retomando o programa de construção de escudos antimísseis na periferia das áreas de influência russa, com o respaldo de combate ao terror e aproximação por meio de tratados de cooperação com as repúblicas da antiga “Cortina de Ferro” e ex-membros do Tratado de Varsóvia, como é o caso da Ucrânia, Letônia, Lituânia, Estônia, entre outros.

A Rússia sentiu-se ameaçada por tais ações da OTAN, escalando uma crise que levou Putin a agir sobre a antiga área de influência soviética, transformando suas Forças Armadas, gerando um lastro econômico para seu esforço (gás e petróleo), aliando-se a parceiros não orientados com o ocidente (China, Irã, entre outros), assegurando, dessa forma, um equilíbrio da balança de poder, migrando do unipolar para o multipolar.

As ações sobre a Chechênia, em 2003, e Ossétia do Sul, em 2008, comprovaram a necessidade de transformação das FA russas. Muitas baixas ocorridas nessas ações demonstraram a oportunidade de melhoria em vários setores. Dessa forma, houve a retomada dos investimentos em defesa, que ficou comprovada no mandato do presidente Dmitri Medvedev, o qual aprovou a reforma da doutrina de emprego das Forças Armadas russas, enxugando o efetivo, melhorando o adestramento e lançando grandes investimentos nas indústrias de defesa, já iniciados por Putin nos mandatos anteriores.

Em 2010, a doutrina militar russa sofreu sua primeira grande transformação. Dentre essas várias mudanças destacam-se a junção da Força de Mísseis Estratégicos em uma Força de Defesa Aeroespacial, incluindo,

além dos mísseis nucleares, unidades de defesa antiaérea, escudo antimísseis, sistema de radares de aviso prévio.

Recentemente, a doutrina militar russa sofreu outras grandes transformações, principalmente na área naval e de proteção aeroespacial. Em discurso, Putin (2014) anunciou:

Apesar de tudo, nossa doutrina militar não muda. Tem, como se sabe, um caráter exclusivamente defensivo, mas defenderemos nossa segurança de maneira consequente e firme.

A grande novidade é a classificação da expansão da OTAN sobre a área de influência russa como ameaça. Apesar da modernização no material bélico convencional, a Federação Russa não abre mão de sua dissuasão nuclear.

Como sempre, a Rússia defenderá de maneira apropriada seus interesses e sua soberania, buscará fortalecer a estabilidade internacional, advogará por uma segurança paritária para todos os Estados e povos [...] Essas forças são um importantíssimo fator de contenção do equilíbrio (de forças) global e, praticamente, excluem a possibilidade de uma agressão a grande escala contra a Rússia. [...] Novamente, resalto que não temos a intenção de nos dedicar à militarização do Ártico. Nossas operações nesta região têm caráter contido e racional em sua magnitude, mas absolutamente necessárias para garantir a capacidade militar da Rússia. (PUTIN, 2014)

A Rússia mantém uma aliança com alguns países que pertenciam à ex-URSS, por meio do Tratado de Tashkent, também conhecida como Organização do Tratado

de Segurança Coletiva (OTSC), firmado em 1992 e ratificado em 2002 entre Rússia, Bielorrússia, Armênia, Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão. Em 2006, o Uzbequistão entrou para a organização. Entre outros objetivos, os signatários não podem participar de outras alianças militares, ou quaisquer outros grupos de estados; além disso, qualquer agressão contra um dos membros deve ser vista como uma agressão contra todos. Como objetivo secundário, a OTSC procura manter os laços entre antigas repúblicas soviéticas, principalmente frente ao avanço da influência dos países ocidentais.

Com outro viés, a Rússia mantém a Organização de Cooperação de Xangai (OCX), formada em 1996 por Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Uzbequistão e China, tendo Irã, Índia, Mongólia, Paquistão e Afeganistão como países observadores. Sua finalidade é cooperar para a segurança da região, em especial, contra terrorismo, separatismo e extremismo. Entretanto, para o ocidente, tal aliança fomenta o sentimento antiocidental, além de formar uma aliança de defesa antagonista à OTAN. Além disso, é acusada de manter um cartel de venda do gás natural, substituindo a exportação por dólar pelas moedas locais, como o rublo e o yuan.

Os dois tratados são indicativos de uma política de defesa voltada para o controle e manutenção do espaço geográfico eurasiático.

A Indústria de Defesa e as Forças Armadas Russas

A indústria de defesa russa é herança da forte indústria que deu suporte às tropas

da ex-URSS, sendo totalmente nativa. Com o fim da URSS, as indústrias bélicas foram absorvidas pela Federação Russa, permanecendo algumas indústrias remanescentes na Ucrânia e Bielorrússia, entre outras ex-repúblicas soviéticas. A história da indústria de defesa russa teve origem nos anos 20, com a criação de “empresas de fachada” na Europa e nos EUA, como a Armtong, comprava desde motores até peças de aeronaves. Com a crise de 1929, os EUA foram obrigados a abrir o mercado aos soviéticos, vendendo desde paraquedas até aeronaves completas. Dois famosos projetistas russos participaram desses eventos: A.N. Tupolev, o pai do famoso TU, e M.I. Gurevitch, o criador do MiG. Nascia, então, a indústria de guerra soviética, dando mostras de seu poder durante a Segunda Guerra Mundial e durante os anos de Guerra Fria. Com o fim da URSS, ficou o legado tecnológico, contudo sem o suporte financeiro, principalmente durante os anos 1990. As antigas empresas soviéticas sobreviveram ao tempo por meio da exportação, principalmente de armamento individual e coletivo, para pequenos países em conflito interno ou entre nações, como os famosos fuzis AK-47.

Com o saneamento das finanças russas no governo Putin e a “caça” às empresas privadas da oligarquia russa, houve o aumento da compra de material de emprego militar para o mercado doméstico e, após a nacionalização de muitas empresas de defesa, formaram-se grandes aglomerados de indústrias por tipo ou vocação de produção, mas com o controle estatal em todas as fases de produção e venda.

Assim, a Comissão Industrial-Militar Russa ficou responsável por supervisionar a

distribuição e implementação de todos os pedidos de defesa. Em 2005, Putin deu início a um programa de consolidação da indústria para trazer as principais empresas produtoras de aeronaves sob uma única organização de cúpula, a United Aircraft Corporation (UAC). O objetivo era otimizar as linhas de produção e minimizar as perdas. A UAC foi considerada uma das campeãs nacionais e foi comparada à EADS, na Europa, desfrutando de considerável apoio financeiro do governo russo, projetando novos produtos de defesa, como as aeronaves Su-35, os helicópteros da série Mi e a aeronave de caça de quinta geração, o Sukhoi PAK-FA. O sucesso do implemento foi repassado a outros setores, como o naval, por meio da United Shipbuilding Corporation (USC), em 2007, que levou à recuperação da construção naval na Rússia. Toda essa transformação foi executada com produtos de uso civil atrelados, com o uso dual das tecnologias. Um exemplo é o lançamento do jato comercial Sukhoi Superjet 100, comprado por empresas de aviação civil.

Desde 2006, o governo vem se esforçando para consolidar e desenvolver a Rosatom Nuclear Energy State Corporation, que levou à construção de usinas de energia nuclear na Rússia, bem como a uma vasta atividade da Rosatom no exterior, comprando enormes partes nas principais empresas de produção de urânio do mundo. Com isso, foi possível projetar a indústria nuclear com a construção de usinas de energia nuclear em muitos países, incluindo a Índia, Irã, China, Vietnã e Bielorrússia. Em 2007, a Russian Nanotechnology Corporation foi fundada, com o objetivo de impulsionar a indústria de alta tecnologia na Rússia. A essência do novo

sistema é incentivar a indústria a reduzir continuamente custos de produção e dependência de insumos de alto valor tecnológico do exterior, além de melhorar a gestão dos recursos.

As seis maiores empresas do setor de defesa, em 2009, com base na receita, foram: Almaz-Antey – sistemas de defesa aérea; United Aircraft Corporation – aviões de asa fixa; Tactical Missiles Corporation – mísseis aéreos e navais; Russian Helicopters – helicópteros; Uralvagonzavod – blindados e a United Shipbuilding Corporation – submarinos, corvetas, fragatas e navios-aeródromos.

Para exportar todo o material de defesa, o governo russo criou um consórcio chamado Rosoboronexport, que controla todo o trâmite de exportação de produtos de defesa russos. Todas as exportações devem ser realizadas por meio da Rosoboronexport, embora vinte e duas empresas estejam autorizadas a exportar, de forma independente, peças de reposição e componentes. Em 2010, o total de exportações de armas da Rússia elevou-se para US\$ 10 bilhões. Desse montante, a participação da Rosoboronexport foi de US\$ 8,6 bilhões.

Em 2015, já dentro da nova doutrina das Forças Armadas, houve uma grande parada militar, em comemoração ao dia da Vitória, referente à Segunda Guerra Mundial, na qual foi possível verificar as novas famílias de blindados Armata T-14 e T-15, os BMD-4M — blindados das tropas paraquedistas e aeromóveis —, além dos sobrevoos de caças Sukhoi e MiG, bem como o desfile de tropas muito bem equipadas, como forma de projetar poder por meio da dissuasão. Foi verificado, também, o desfile dos mísseis balísticos

intercontinentais e nucleares, além dos sistemas de defesa antiaérea e de mísseis estratégicos Topol-M e S-500, submarinos de propulsão nuclear com armamento nuclear “Vladmir Monomakh”, corvetas, fragatas e porta-aviões.

Apesar do grande esforço russo, existem vários gargalos para o pleno êxito. Os principais problemas na indústria incluem um elevado nível de dívida, inflação e falta de pessoal qualificado. Cientistas e engenheiros mais jovens, que são necessários na Rússia, para formar a próxima geração de *designers* de armas, estão deixando o país em massa. Além disso, a Rússia ainda é muito dependente do complexo industrial de defesa ucraniano — o Ukroboronprom, principalmente no setor de mísseis balísticos intercontinentais e componentes para a indústria aeroespacial. Nos tempos soviéticos, um terço das empresas da indústria de defesa da União Soviética se localizava no sudeste da Ucrânia. Destacam-se desse complexo as seguintes empresas: KMBD-BM, Antonov, Star, Spark, KEBDB, CSAP, dentre outras. Essas deficiências, principalmente a evasão de mão de obra, vêm sendo conduzidas por Putin dentro de uma propaganda nacionalista, cujo “core” é o renascimento do espírito patriótico russo. A mãe Rússia clama por seus filhos, no apelo sentimental, e o Grande Urso do Norte retorna para retomar seu posto no cenário mundial.

Putin, em reunião em sua residência próxima ao Mar Negro, com membros da defesa russa, disse o seguinte, em 30 Out 2015:

Precisamos fazer o possível para que qualquer coisa usada em nosso setor de defesa seja produzida em nosso território, de modo que não sejamos dependentes de ninguém.

Muito do apelo de Putin tem ressonância na juventude russa, que aumentou o número de voluntários para servirem nas fileiras das Forças Armadas (FA). Até 2014, as FA da Federação Russa eram formadas basicamente por três ramos — o Exército, a Marinha e a Força Aérea — e por três Forças independentes — Força Estratégica de Mísseis, Tropas Aeroespaciais e Tropas Aero transportadas. Em agosto de 2015, houve a fusão da Força Aérea com as Tropas Aeroespaciais, transformando-se em Força Aeroespacial. O Exército divide-se em seis distritos — Moscou, São Petersburgo, Cáucaso do Norte, Volga, Sibéria e Extremo Oriente — e a Marinha em cinco frotas — Norte, Pacífico, Báltico, Negro e Cáspio.

Atualmente, com as novas reformas, o empenho na transformação é enxugar as fileiras em pessoal, porém aumentando o seu poder de combate com novas tecnologias. Com isso, o efetivo total do Exército Russo, em 2015, era de cerca de 300 mil homens.

A Marinha recebeu grande investimento, caracterizando um empenho do governo russo em fortalecer o seu poder naval, constituindo um meio de dissuasão no controle das poucas saídas para o mar. O efetivo total da marinha russa gira em torno de 135 mil homens.

A antiga Força Aérea Russa recebeu investimentos no sentido de avançar tecnologicamente para se contrapor às aeronaves da OTAN. Assim, foram desenvolvidos caças de multimissão, como o Su-35, de 4ª geração, e o Su PAK-FA, de 5ª geração, além do cargueiro de grande capacidade Antonov Na-124 e dos helicópteros Ka-50 e Mi-28N. A Força Aérea russa possuía um efetivo de 160 mil homens.

As Tropas Aerotransportadas ou VDV têm por finalidade executar operações especiais, como infiltração aeroterrestre, aeromóvel, ação direta de comandos e reconhecimentos especiais de forças especiais – os “SPETNAZ”. Segundo o lema das tropas VDV,

Onde houver um conflito que envolva os interesses da mãe Rússia, o Corpo Paraquedista de Elite Vozdushno-Desantnye (VDV) será sempre a ponta de lança em qualquer operação ofensiva.

Com a fusão das Tropas Aeroespaciais com a Força Aérea criando a Força Aeroespacial, esta se subdividiu em três partes: a Força Aérea, Forças Espaciais e Tropas de Defesa Aérea e de Mísseis. As Forças Espaciais têm por objetivo monitorar o espaço à procura de ameaças que extrapolem o poder de defesa antiaérea e de mísseis, lançar foguetes espaciais e satélites de uso militar. As Tropas de Defesa Aérea e de Mísseis têm por objetivo criar um escudo antiaéreo e contra mísseis, antecipando-se às ameaças.

Por último, a Força Estratégica de Mísseis, que inclui os silos de mísseis nucleares, tem por objetivo responder a qualquer ameaça nuclear contra a Federação Russa e seus aliados, dentro da Estratégia de Dissuasão Nuclear. Dentre os diversos materiais destacam-se os sistemas de mísseis TOPOL-M, RS-24 e UR-100.

A tríade Forças Armadas — Governo — Indústria de Defesa fica bem caracterizada na realidade atual russa. O alinhamento de pensamento, os objetivos traçados, o mercado doméstico aquecido e o investimento em tecnologia e inovação formam a equação

áurea para o êxito momentâneo encontrado por Putin.

O Neoeurasianismo de Dugin

Uma das maiores influências no modo de agir de Vladimir Putin está concentrada nas teorias criadas por Alexander Dugin sobre o Eurasianismo. Alexander Dugin é um cientista político russo conhecido por seus posicionamentos que unem fascismo, comunismo stalinista e conservadorismo. Foi um dos idealizadores do chamado nacional-bolchevismo e pertence à escola contemporânea de geopolítica russa, comumente designada por “neoeurasianismo” e fundador do Partido Eurásia.

O Eurasianismo foi um movimento cultural e político da Rússia, nos anos 1920, cultivado principalmente nas comunidades de emigrantes. O movimento defendia a ideia de que a civilização russa não pertencia à categoria europeia e que a Revolução de Outubro foi uma reação indispensável à rápida modernização da sociedade russa. Entretanto, eram contrários ao ateísmo e ao socialismo. Seus principais teóricos foram Nikolai Daniliévski e Konstantin Leontiev.

Dessa forma, Dugin resgata esse movimento, que encontra eco em muitos grupos étnicos e culturais da Rússia, agora com uma nova roupagem. Sua teoria considera que Moscou, Berlim e Paris constituem um eixo político “natural”, assentando no conflito eterno entre a terra e o mar, entre o atlantismo e o eurasianismo.

Dugin escreve em uma de suas obras: “Por princípio, a Eurásia e o nosso espaço, o coração da Rússia, permanecem como a área

na qual se encenará uma nova revolução antiliburguesa e antiamericana”, de acordo com o seu livro *Fundamentos da Geopolítica*, publicado em 1997.

O novo império euroasiático será construído sob o princípio fundamental do inimigo comum: a rejeição do atlantismo, do controle estratégico dos EUA, e na recusa de permitir que princípios liberais nos dominem. Este impulso comum da civilização será a base de uma união política e estratégica.

Segundo o jornalista Jack Gilbert (2015), em seu sítio eletrônico e após entrevista com o geopolítico Alexander Dugin, é sabido que o gabinete presidencial tem financiado o movimento de Dugin, pois o mesmo é chefe do Departamento de Sociologia da Universidade de Relações Internacionais de Moscou e conselheiro de Sergei Naryshkin, membro chave do partido Rússia Unida, de Putin. Ele também passou os últimos vinte anos defendendo a restauração do Império Russo por meio da compartimentação das ex-repúblicas soviéticas — uma ideologia expansionista que alguns sugerem fazer parte da agenda do próprio Putin.

A visão política de Dugin está baseada em antiliberalismo, antiamericanismo e em um retorno ao imperialismo russo, com exacerbado cunho nacionalista. A realização dessas ambições levaria a um despertar do espírito russo, que, segundo ele, se perdeu em 1991 depois do colapso da União Soviética. “A Primavera Russa é o despertar da autoconsciência russa”, segundo o cientista. “Isso foi confirmado ideologicamente e conceitualmente pelo discurso de Putin na te-

levisão, e marcará uma retomada de nossa identidade cultural”.

Apesar dessas afirmações e de que Dugin seja o “cérebro” por trás de Putin, não está confirmada essa parceria, principalmente porque a teoria do neoeurasianismo de Dugin é muito radical, se comparada aos “lances de xadrez” jogados por Putin no campo da geopolítica. Entretanto, naquilo que é “soft”, as ações do governo russo muito se assemelham a essa teoria.

A geopolítica do oleoduto (pipeline)

Para o entendimento completo dos anseios russos e norte-americanos e de seus aliados (UE e OTAN), é importante discorrer-se sobre a política energética mundial, por meio da geopolítica dos oleodutos, conhecida como a “política dos *pipelines*” (petróleo e gás).

Na busca incansável por novas fontes de combustíveis fósseis (gás e petróleo), as grandes potências desencadearam vários conflitos no nível político-estratégico e alguns no nível operacional e tático.

A construção de oleodutos e gasodutos, transportando petróleo e gás por milhares de quilômetros de sua fonte até os consumidores finais, vem-se mostrando o meio mais barato para esse fim. Entretanto, para se desencadear tais feitos, há a necessidade de interferência política e, muitas vezes, na soberania de alguns países fornecedores dessas matérias-primas, ou que estão no caminho da construção desses meios de transporte.

Assim sendo, o GUAM é um acordo militar entre a Geórgia, a Ucrânia, o Azerbaijão e a Moldávia, instituído em 1997. Desde 2006, com a retirada do Uzbequistão, o GUAM foi reba-

tizado: Organização para a Democracia e Desenvolvimento Econômico – GUAM (Geórgia, Ucrânia, Azerbaijão e Moldávia). O significado da sigla tem pouco a ver com o seu verdadeiro propósito, que é o de ser um apêndice da OTAN. Tem sido usado pelos EUA e pela Aliança Atlântica para alargar as suas zonas de influência até o centro da antiga União Soviética.

O objetivo principal do GUAM, como aliança militar, é “proteger” os corredores energéticos e de transporte, em prol dos gigantes petrolíferos anglo-americanos. Os países do GUAM também recebem ajuda e treinamento militar dos norte-americanos e da OTAN.

Mais uma vez fica nítida a permanente necessidade de contenção de qualquer tentativa de expansão da influência russa sobre a região do Cáucaso e Oriente Médio. Mais para o leste, enxergando-se pelo mesmo prisma do GUAM, o Afeganistão sempre foi palco dessa mensuração de força de cada lado, sendo considerado o principal estado-tampão dessa disputa geopolítica.

A militarização desses corredores é uma característica central do planejamento dos EUA e OTAN. A entrada da Geórgia e da Ucrânia na OTAN faz parte da agenda de controle dos corredores energéticos e de transporte desde a bacia do Mar Cáspio até à Europa Ocidental.

Fortemente pressionada pelo consumo cada vez maior de petróleo e gás, a UE depende muito do fornecimento russo dessas fontes energéticas. O GUAM é uma alternativa a essa dependência com viés duplo — além de atender a UE em energia, enfraquece financeiramente a Rússia.

Em 2008, houve uma reunião entre os membros do GUAM em Ba-

tumi, com a presença dos presidentes dos países membros, entre eles, Ilham Aliyev, Mikheil Saakashvili e Viktor Yushchenko, do Azerbaijão, Geórgia e Ucrânia, respectivamente, além dos presidentes da Polônia e Lituânia. O principal objetivo era enfraquecer o poder de influência da Rússia no Cáucaso. Discutiui-se a colocação do Escudo Anti-Mísseis na Polônia, que foi fortemente criticada pelo governo russo, alertando que, caso o fizessem, seria um grave sinal de ameaça contra a existência do povo russo.

Para se entender melhor a “geopolítica dos *pipelines*”, é cabal descreverem-se e visualizar-se essas rotas, quem as controla e suas consequências. O fato de a Rússia dominar os principais dutos de fornecimento de fontes energéticas para a UE impõe medidas por parte dos EUA para enfraquecer essa supremacia russa e diminuir a dependência europeia do gás e petróleo russo.

Na **Figura 1**, pode-se verificar o traçado de cada oleoduto.

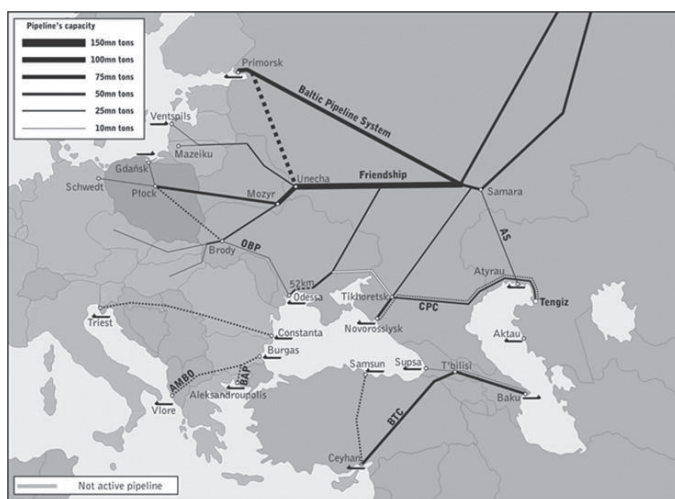


Figura 1 – Rotas de oleodutos estratégicos: BTC, da Amizade e sistema de oleodutos do Báltico

Fonte: <http://sind-geoblog.blogspot.com.br>

É possível identificar, pelo menos, os seguintes sistemas: oleoduto Druzhba (oleoduto da Amizade), oleoduto Odessa-Brody-Plotsk (OBP), Sistema de Oleodutos do Báltico (SPB) e Consórcio de Oleodutos do Cáspio (CPC), interligando a Rússia aos países consumidores europeus e sob o controle russo.

Do lado do GUAM, é possível verificar o Corredor de Transporte do GUAM (CTG) e o oleoduto Baku-Tiflis-Ceyhan (BTC), esse último controlado pelo consórcio da BP (British Petroleum). Esse último oleoduto aproxima a Turquia dos países ocidentais bem como de Israel, com a interligação do BTC ao oleoduto de Israel, que pretende abastecer os israelenses e fazer o transbordo de parte do fluxo para os países asiáticos, por meio de Eliat, no mar Cáspio.

Uma das estratégias de contenção norte-americana foi a assinada em 1999 — A Estratégia da Rota da Seda (ERS) —, que prevê o desdobramento de inúmeros oleodutos interligando a Europa aos países asiáticos pela antiga rota da seda, militarizando todo o percurso. O objetivo é desenvolver o império empresarial da América ao longo de um extenso corredor geográfico. Tal lei nunca foi aprovada, mas serviu de base para o intervencionismo na região, principalmente com a invasão do Afeganistão em 2001, sob o título de combate ao terrorismo:

O desenvolvimento de fortes ligações políticas, econômicas e de segurança entre países do Cáucaso do Sul, da Ásia central e do ocidente poderá assegurar a estabilidade nesta região, que é vulnerável a pressões políticas e econômicas do sul, do norte e do leste. [referindo-se à Rússia a norte, ao

Iraque, ao Irã e ao Oriente Médio a sul, e à China a leste]

Da mesma forma, a China entrou para o “Grande Jogo”, iniciando a construção do oleoduto Cazaquistão-China (PCC), que percorrerá mais de 7.000km no sentido oeste até o mar Cáspio. Assim como a OTAN assegura a defesa dos oleodutos ocidentais, a OCX e a OTSC garantem a segurança dos *pipelines* russos e chineses, gerando um embate entre as alianças antagônicas.

Em 2008, por causa das reuniões do GUAM e medidas buscando enfraquecer a Rússia no Cáucaso, vários exercícios militares foram realizados na Geórgia, com apoio da OTAN e EUA, que acabaram por invadir a Ossétia do Sul. Por sua vez, a Rússia executou exercícios no Cáucaso do Norte, na espera de um acirramento entre as forças. Em agosto de 2008, a Geórgia invade a Ossétia do Sul, que recebe apoio russo. Ao final do conflito, a Rússia vence, e a Ossétia do Sul e Abecácia são reconhecidas independentes pela Rússia.

Conflitos na Crimeia, Ucrânia e Síria

Crimeia e Ucrânia

A Ucrânia, ex-república soviética, após tornar-se independente, começou uma aproximação com o ocidente, no caso, a União Europeia. Entretanto, o país vive duas realidades. A oeste, uma população com anseios ocidentais, de desfrutar as vantagens de entrar para a UE. De outro lado, a parte leste e sul, que tem forte influência russa, sendo a Crimeia, ao sul da Ucrânia, berço dos Tártaros, que fazem parte da origem russa.

Em 2013, o presidente ucraniano Viktor Yanukovich, aliado da Federação Russa, decidiu recusar um acordo que aprofundaria os laços com a UE. Em troca, o presidente preferiu se alinhar com a Rússia. Na época, o presidente justificou a escolha por pressão russa, ao ameaçar boicotar produtos ucranianos e cortar o fornecimento de energia (gás e petróleo). Devido à decisão polêmica, parte da população foi para as ruas protestar. O objetivo era apoiar o movimento pró-UE e retirar o presidente do poder. Em 22 Fev 14, o presidente foi deposto, e novas eleições foram marcadas para 25 de maio. Assumiu a presidência, interinamente, o presidente do parlamento. A crise se acirrou na Crimeia, que possuía uma população quase 100% russa.

Assim, tropas russas foram mandadas para a Crimeia, a fim de estabilizar a região. Na península da Crimeia, ocorreu um referendo, que colocou em discussão a possível anexação da região à Rússia. Com 96%, foi aprovada a anexação, que foi ratificada pelo presidente Putin. A Ucrânia não reconheceu e declarou guerra à Rússia. A Rússia permaneceu com sua marinha no porto de Sebastopol. No leste da Ucrânia, que também tem maioria russa, ocorreram manifestações de rebeldes querendo a separação dessa porção do país. As cidades de Donetsk e Lugansk foram as que mais se manifestaram e ficaram fechadas para negociação. Grupos pró-Rússia dessa região apareceram encapuzados, trajados com uniformes sem insígnias nas manifestações na Ucrânia. Esses grupos, ditos paramilitares, ocuparam prédios e combateram as forças legais ucranianas ao lado da população rebelde. De acordo com fontes

internacionais, esses grupos pertenceriam ao Exército Russo, que, pela desconfiguração dos uniformes, não ficou clara a intervenção militar.

Paralelamente a esses eventos, EUA, UE e outros países do ocidente condenaram a ação impondo sanções e embargos comerciais à Federação Russa, principalmente em materiais de alta tecnologia. Por sua parte, a Rússia ameaçou cortar o abastecimento de energia (gás e petróleo) à UE.

O interessante nas características do conflito é que, no sudeste ucraniano, estão sediadas as principais indústrias de defesa do país, entre elas, muitas empresas de reposição e manutenção de componentes para o setor de mísseis balísticos e aeronaves.

Em 25 de maio de 2014, foram realizadas novas eleições, vencendo o considerado milionário do chocolate Petro Poroshenko. Após um ano e meio no poder, o atual presidente da Ucrânia pouco fez em favor de uma mudança no cenário ucraniano, ficando à mercê das disputas geopolíticas entre UE, EUA e Rússia. Poroshenko prometeu resolver a crise em Donbass, reaver a Crimeia, descentralizar o poder, aumentar salários e pensões, eliminar a corrupção e criar um novo sistema jurídico mais justo. Em vez de resolver a crise no leste da Ucrânia, o país foi envolvido em um conflito duradouro, que, apesar de todos os esforços de líderes mundiais, ainda está longe de ser resolvido.

Fica evidente a disputa entre a contenção ocidental e a expansão territorial e manutenção das áreas de influência russa. A Crimeia é um ponto estratégico para Putin posicionar seu poder naval e projetar poder sobre a Europa e Oriente Médio.

Síria

Em 2011, no contexto da “Primavera Árabe”, com a onda de manifestações populares em países árabes sob regimes totalitários, iniciaram-se os protestos em Damasco, exigindo melhores condições para o povo e a retirada de Bashar Al-Assad do poder, colocando a Síria em um processo de rompimento com o regime atual, na busca da democratização do país. Nesse mister, oposição e governo acirraram os combates, passando de uma simples contenção de manifestantes para agressão explícita de ambos os lados. Com o passar do tempo, o conflito adquiriu outra roupagem, incluindo nos embates grupos terroristas, como o Estado Islâmico (EI), em 2013, e diferenças sectárias entre Xiitas e Sunitas, mergulhando o país em uma guerra civil sangrenta, conduzida no meio do povo, criando uma destruição material e humana sem precedentes e a evasão de boa parte da população para outros países, formando a maior onda migratória, depois da Segunda Guerra Mundial.

O conflito ganhou uma dimensão maior com a presença do Estado Islâmico — grupo terrorista de caráter religioso — que atua em vários países da região, como Iraque e Líbano, e pelo viés humanitário, fazendo surgir um êxodo em massa de sírios para várias direções do planeta, que, atualmente já atingem o norte da Europa, criando outros conflitos de caráter xenófobo entre os países que recebem esses refugiados. O número de mortos, segundo a Cruz Vermelha, gira em torno de 220 mil pessoas, sendo mais da metade civis.

Em 2014, o EI instaurou um califado na Síria, proclamando Abu Bakr al-Ba-

ghdadi, como o califa. Em consequência, a OTAN, após comum acordo entre os países-membros, resolveu enviar tropas para a Síria, por meio de uma intervenção armada, com o intuito de conter o avanço e fortalecimento do EI na região.

Em 2015, a Rússia, que sempre apoiou o governo de Assad e a não intervenção nos assuntos internos, montou uma base militar na Síria e aporte financeiro, de armamento e suprimentos de guerra para as forças armadas sírias. Hoje no conflito existem as forças legais sírias, tropas da OTAN, rebeldes sírios, Estado Islâmico, tropas russas, entre outros grupos de menor expressão.

A intenção russa é, dentro do contexto de combate ao terrorismo, atuar contra o EI, justificando junto aos países do ocidente a intenção de auxiliar na erradicação do EI. Entretanto, como forma de fortalecer a posição do governo sírio, a Rússia intensificou seus ataques, também, contra os rebeldes sírios da oposição a Assad.

Em setembro, a Rússia começou as operações em solo sírio, principalmente com ataques de bombardeio aéreo e de mísseis de longo alcance, disparado de navios e submarinos. Em um mês de intensos ataques, a Rússia já matou mais de 600 pessoas, sendo um terço de civis.

Putin utiliza a campanha na Síria para demonstrar ao ocidente seus avanços na área militar, principalmente em armamento convencional. Essa é uma resposta à geopolítica de contenção armada pela OTAN contra a Rússia e também uma maneira de a Rússia aumentar sua influência no Oriente Médio, com tropas e navios estacionados no porto de Tartus, no noroeste de Damasco.

Conclusão

A Rússia tem atingido níveis satisfatórios de crescimento econômico, social e militar, fruto de décadas de alinhamento dos objetivos propostos pelo governo central.

Verifica-se que o saneamento econômico, aliado a uma política de Estado, permeando o bem-estar social e reavivando o espírito patriótico da nação, formaram uma receita exitosa, quando atrelados a objetivos geopolíticos impostos pela própria geografia russa, com o fortalecimento da indústria estratégica nos principais setores basilares do país — defesa, infraestrutura, tecnologia e energético. Quando o nível político visualizou a necessidade de fortalecer suas Forças Armadas, com o que há de mais moderno, para poder projetar poder em um ambiente de amplo espectro, multipolar, sob pressões externas de cunho político e econômico, Putin conseguiu dar respostas mais concretas, seja internamente, seja no cenário externo.

Foi possível notar que alguns óbices devem ser sanados pelo governo russo, como a inflação e a corrupção.

Verificou-se, também, que existem influências geopolíticas internas, além da imposição da própria geografia russa, que moldam a forma de pensar de Putin.

A dicotomia da contenção *versus* expansão, do Atlantismo *versus* Eurasianismo é notada no “Grande Jogo” travado entre EUA, OTAN, UE, Rússia, China e países do oriente médio, com o tabuleiro traçado pela

periferia eurásiana, pela Rota da Seda, pelos oleodutos (*pipelines*), com movimentos das peças de xadrez exaustivamente pensados e planejados de todos os lados.

Os conflitos recentes envolvendo as áreas de influência russa, semelhante ao que sempre foi enfrentado pelo Império Czariano, União Soviética e agora renovado na Federação Russa, demonstram a vocação bélica russa e que, historicamente, os ciclos se repetem, mantendo-se o tabuleiro e mudando os oponentes.

De todo o exposto, foi possível identificar, destacar e evidenciar aspectos que demonstram um renascimento ou ressurgimento da grande potência russa, inferindo-se que a direção tomada por Putin, querendo ele ou não, querendo o povo russo ou não, é o que impõe o seu espaço geográfico. Os reflexos derivados dessa atuação geopolítica são manifestados por um EUA projetando seu poder aeronaval sobre “os sete mares”, uma Europa extremamente dependente dos recursos energéticos russos e uma Rússia à procura de uma periferia que dê condições de controlar as saídas marítimas para todas as direções do planeta.

Dessa forma, infere-se também que o futuro global estará voltado para essas áreas de atrito nos anos vindouros, com elementos novos, mas com o mesmo cenário, até que os insumos energéticos que movem essas disputas mudem do controle do gás e petróleo para outro bem natural de impacto, como poderão ser as fontes hidrominerais. 🌐

Referências

AGNEW, John. **Geopolitics – Re-visioning world politics**. Routledge. London, 1997.

AMINEH, Mehdi Parvizi. **Globalization, geopolitics and energy security in Central Asia and the Caspian region**. CEP, The Hague, 2003.

BBC BRASIL. **Cronologia: Rússia**. **BBC BRASIL.com**. 11 Dez 2001. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2001/011120_crussia.shtml. Acesso em: 06 Set 2015.

BERTONHA, Joao Fabio. **Rússia – Ascensão e Queda de um Império – Uma História Geopolítica e Militar da Rússia**. Editora Juruá, 2009.

BRZEZINSKI, Zbigniew. **The grand chessboard**. Basic Books, New York, 1997.

CHOSSUDOVSKY, Michel. **The Eurasian Corridor: Pipeline Geopolitics and the New Cold War**. Global Research. Agosto, 2015. Disponível em <http://www.globalresearch.ca/the-urasian-corridor-pipeline-geopolitics-and-the-new-cold-war/9907>. Acesso em 20 Out 2015.

CLOVER, Charles. **Dreams of the Eurasian Heartland: The Reemergence of Geopolitics**. Março, 1999. Disponível em <https://www.foreignaffairs.com/articles/asia/1999-03-01/dreams-urasian-eartland-reemergence-geopolitics>. Acesso em 20 Out 2015.

DAVIS, Elizabeth Van Wie & AZIZIAN, Rouben (editores). **Islam, oil and geopolitics**. Plymouth: Rowman & Littlefield, 2007.

DUGIN, Alexander. **A Grande Guerra dos Continentes**. Lisboa: Antagonista Editora, 2006.

_____. **Teoria do Mundo Multipolar**. Lisboa: IAEG, 2012.

DYOMKIN, Denis. **Putin quer indústria de defesa da Rússia autossuficiente**. Reportagem. *Jornal O Globo* on-line. 30 Out 2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/putin-quer-industria-de-defesa-da-russia-autossuficiente-12483194>. Acessado em 30 Out 2015.

FORSYTHE, Rosemarie. **The geopolitics of oil in the Caucasus and Central Asia: Prospects for oil exploitation and export in the Caspian basin**. Adelphi Paper 300, IISS, Oxford University Press, 1996.

GEOBLOG. **Corredor Euroasiático – geopolítica dos pipelines**. Conteúdo Online. 2008. Disponível em <http://sind-geoblog.blogspot.com.br/2008/09/o-corredor-euroasitico-geopoltica-dos.html>. Acesso em 15 Out 2015.

GILBERT, Jack. **Conversamos com Aleksandr Dugin, o “Cérebro” de Putin, e Ele Quer a Volta do Imperialismo Russo**. VICE. Mídia eletrônica on-line. Abril, 2014. Disponível em: http://www.vice.com/pt_br/read/falamos-com-aleksandr-dugin-o-cerebro-de-putin-e-ele-quer-a-volta-do-imperialismo-russo. Acesso em 19 Out 2015.

GLOBONEWS. **Entenda a Guerra Civil na Síria**. Conteúdo online. Disponível em <http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2013/08/entenda-guerra-civil-da-siria.html>. Acesso em 25 Out 2015.

HAHN, Gordon M. **The rebirth of Eurasianism**. *The Russia Journal*. 12 Jul 2002. Disponível em: <http://russiamjournal.com/node/6388>. Acesso em 20 Out 2015.

HANSEN, Sander. **Pipeline politics - The struggle for control of the Eurasian energy resources**. Clingendael Institute, The Hague, 2003.

JOHNSON, David. **The Russia History – Timeline**. Disponível em: <http://www.infoplease.com/spot/russiatime1.html>. Acesso em 20 Out 2015.

LAPOUGE, Gilles. **A inabalável popularidade de Putin**. *Conteúdo on-line*. Jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: 27 Dez 2014. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,a-inabalavel-popularidade-de-putin-imp-,1612482>. Acesso em: 18 Out 2015.

MASTERS, Johnatan. **The Russian Military. Council on Foreign Relations**. Conteúdo online. Disponível em <http://www.cfr.org/russian-federation/russian-military/p33758>. Acesso em 20 Out 2015.

MILLERMAN, M. (2014). **Theory Talk #66: Alexander Dugin on Eurasianism, the Geopolitics of Land and Sea, and a Russian Theory of Multipolarity**. Theory Talks. Disponível em: <http://www.theory-talks.org/2014/12/theory-talk-66.html>. Acesso em: 20 Out 2015.

SEGRILLO, Angelo. **Os Russos**. 1ª Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

TERRA. **Entenda a Crise na Ucrânia**. Conteúdo online. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/crise-na-ucrania/>. Acesso em 30 Out 2015.

TOSTA, Octávio. **Teorias Geopolíticas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

NR: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

¹ Angelo Segrillo é professor de História Contemporânea da Universidade de São Paulo (USP) e especialista em Rússia e URSS. É doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e mestre em História pelo Instituto Pushkin de Moscou. Viveu muitos anos na Rússia e é autor de diversos livros sobre esse país.

² *Heartland* significa, literalmente, *Coração da Terra*. Mackinder situou o *Heartland* na zona territorial que abrange os continentes europeu e asiático, e que recebe a denominação de Eurásia ou Ilha Mundial.

³ Os Conselhos Operários ou Soviéticos são colegiados, ou corpos deliberativos, constituídos de operários ou membros da classe trabalhadora, que regulam e organizam a produção material de um determinado território, ou mesmo indústria.

⁴ As comunas eram grandes unidades de produção rural, abrangendo a agricultura e pequenas indústrias. Cada comuna estruturava-se de forma coletiva e centralizada. Os lotes agrícolas familiares foram eliminados, e toda a terra, colocada sob controle das comunas. As comunas organizavam também a vida social e a educação das crianças. A implantação desse sistema teve forte impacto sobre a vida familiar, pois diminuiu a força tradicional da autoridade paterna.

⁵ Cortina de Ferro é uma expressão célebre utilizada para designar o domínio da extinta União Soviética sobre os países do leste da Europa.

⁶ A palavra *Perestroika* ou *Perestróica*, que literalmente significa reconstrução, recebeu a conotação de reestruturação (abertura) econômica. A chave principal da *Perestroika* era reduzir a quantidade de dinheiro gasta em defesa e, para fazer isso, Gorbachev sentiu que a União Soviética deveria: desocupar o Afeganistão, negociar com os Estados Unidos a redução de armamento e não interferir em outros países comunistas.

⁷ A noção da *glasnost* se associa a liberdade de expressão, entretanto a meta principal dessa política na URSS foi tornar o governo transparente e aberto para discutir. A *Glasnost* foi, portanto, um processo de abertura política.

⁸ A Duma Federal, junto com o Soviete da Federação, forma o Legislativo da Federação Russa. A Duma é a câmara baixa da Assembleia Federal, enquanto o Soviete da Federação é a câmara alta. Sua sede se encontra em Moscou. A Duma é composta por 450 deputados, eleitos para mandatos com a duração de quatro anos.